

**USOS DE “PERO BUENO”, “PERO VAMOS” E “PERO CLARO” NO ESPANHOL PENINSULAR COLOQUIAL***USES OF “PERO BUENO”, “PERO VAMOS” AND “PERO CLARO” IN COLOQUIAL PENINSULAR SPANISH*Talita Storti Garcia<sup>1</sup>Carolina da Costa Pedro<sup>2</sup>**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar os papéis do jutor *pero* em combinação com *bueno*, *vamos* e *claro* em um *corpus* do espanhol peninsular falado sob perspectiva funcionalista. O aparato teórico-metodológico utilizado é o da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Sob essa perspectiva, verificou-se que *pero*, ao acompanhar elementos como *bueno*, *vamos*, e *claro*, pode conferir sentido contrastivo e codificar a função retórica Concessão, quando atua como operador de Ato Discursivo, ou pode atuar exclusivamente no monitoramento da interação. Esses dois usos são codificados de forma diferente no Nível Fonológico, o que foi constatado por meio do programa Praat. Quando atua como operador de Ato, *pero* apresenta o padrão entonacional complexo descendente-ascendente; por outro lado, quando atua no monitoramento da interação, *pero* apresenta o padrão entonacional descendente. O universo de investigação é embasado no *corpus* PRESEEA (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), base de dados disponível online.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pero bueno. Pero vamos. Pero claro. Gramática discursivo-funcional. Espanhol.

**ABSTRACT**

This paper aims to present the roles of the joinor *pero* in combination with *bueno*, *vamos* and *claro* in a spoken Spanish *corpus* from a functionalist perspective. The theoretical and methodological framework used is the Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). From this perspective, it was verified that *pero*, when accompanying elements like *bueno*, *vamos*, and *claro*, can confer contrastive meaning and encode the rhetorical function Concession, when it acts as a Discourse Act operator, or it can act exclusively in monitoring the interaction. These two uses are encoded differently at the Phonological Level, which was verified using the Praat program. When acting as an Act operator, *pero* presents the descending-ascending complex intonational pattern; on the other hand, when acting in monitoring interaction, *pero*, in combination with those on the screen, presents the descending intonational pattern. The research universe is based on the PRESEEA *corpus* (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), a database available online.

**KEYWORDS:** Pero bueno. Pero vamos. Pero claro. Functionalism. Spanish.

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), talita.garcia@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), costa.pedro@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-0130-966X>

## Considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo apresentar os papéis do juntor *pero* em combinação com *bueno*, *vamos* e *claro* em um *corpus* do espanhol peninsular falado sob perspectiva funcionalista. O aparato teórico-metodológico utilizado é o da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). De acordo com a RAE & ASALE<sup>3</sup> (2009), a oração coordenada adversativa apresenta elementos que se contrapõem. O juntor prototípico que expressa adversidade em contextos afirmativos no espanhol é *pero*, como mostra (1) a seguir:

- (1) *Es muy habilidoso, pero tiene muchas lesiones* (RAE & ASALE, 2010, p. 616)  
[É muito habilidoso, mas tem muitas lesões]

Em (1), exemplo que se refere a um jogador de futebol e sua possível contratação, as orações *es muy habilidoso* e *tiene muchas lesiones* são colocadas em contraposição, pois, ao admitir que alguém é habilidoso, o ouvinte pressupõe que o jogador é saudável e que não possui lesões. Ao colocar duas informações em contraste, em (1), o falante faz questão de acrescentar uma informação que julga ser importante, nesse caso, a existência de lesões. Assim, do ponto de vista comunicativo, *pero* introduz, de acordo com o ponto de vista do falante, uma informação relevante, ou seja, comunicativamente importante (Cf. PEDRO, 2021).

Ainda de acordo com a *Manual de la Nueva Gramática la Lengua Española*, há casos em que *pero* não conecta períodos, mas expressa ‘conexões mentais’ (RAE & ASALE, 2010, p. 616) que vão além da oração, atuando como um conector discursivo, como mostra (2):

- (2) *Pero ¿qué fue lo que te dijo?* (RAE & ASALE, 2010, p. 804)  
[Mas o que foi que ele te disse?]

Em (2), *pero* ainda é interpretado como um juntor adversativo, mas, para estabelecer seu significado, informações prévias por parte dos interlocutores são necessárias. Esse tipo de uso de *pero*, ainda segundo a RAE & ASALE (2010, p. 616), introduz uma reação do locutor (enfática ou atenuada) às palavras do interlocutor.

Em Pedro (2020) observamos que esses dois usos de *pero* configuram, à luz do modelo da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), operador de Ato, no caso de (1), e operador de Movimento, no caso de (2), já que *pero* assinala relações que ocorrem no Nível Interpessoal, na camada do Ato Discursivo e do Movimento.

A partir desse estudo anterior verificamos que *pero* pode se combinar com outros elementos, tais como *bueno*, *vamos* e *claro*, formando as estruturas *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro*, sobre as quais nos debruçamos no presente artigo, conforme mostram as ocorrências (3), (4) e (5):

<sup>3</sup> Esta publicação foi realizada pela Real Academia Española e pela Asociación de Academias de la Lengua Española.

(3)

E: *¿Y qué actividades hicisteis?*I: *Pues el primer día llegamos muy tarde llegamos a las tres o a las cuatro de la mañana por de madrugada y nos levantamos sobre las diez después estuvimos ensayando comimos en un restaurante al lado de una central hidroeléctrica o algo de eso o al lado de una empresa es que no me acuerdo y después nos fuimos a ensayar por la tarde estuvimos toda la tarde ensayando y después comimos por la noche nos acostamos al día cantábamos tuvimos que levantarnos muy temprano comer a las once de la mañana comer un trozo de pescado y muy mal la verdad que a esa hora no apetece **pero bueno**.*E: *¿Lo comisteis todo?* ESEGRA-02

[E: E quais atividades vocês fizeram?

I: Bom no primeiro dia chegamos muito tarde, chegamos às três ou às quatro da manhã, de madrugada, e nos levantamos umas dez depois ficamos ensaiando comemos em um restaurante ao lado de uma central hidroelétrica ou algo assim ou ao lado de uma empresa, não me lembro, e depois fomos ensaiar de tarde, ficamos a tarde toda ensaiando e depois comemos pela noite nos deitamos de dia cantávamos, tivemos que nos levantar muito cedo, comer às onze horas da manhã comer um pedaço de peixe e muito ruim na verdade comer esse horário não apetece, **mas tudo bem**.

E: Comeram todo o peixe?]

(4)

E: *¿y por qué? ¿por qué es perder el tiempo hacer otra carrera?*I: *pues porque yo lo que necesito es trabajar es primer objetivo ahora mismo*E: *¿y cómo?*I: *aparte de otros personales **pero vamos***E: *sí sí*I: *socialmente sí mi objetivo es trabajar en algo y ganarme un poco el pan porque mis padres ya están un poco hartos de aguantarme como yo a ellos **pero vamos***E: *¿pero si lo hicieras a la vez? (ALCA\_M13\_005)*

[e por que? Por que é perda tempo fazer outra faculdade?

I: porque o que eu preciso é trabalhar é o primeiro objetivo agora

E: e como?

I: além de outros (objetivos) pessoais, **mas tudo bem**

E: sim sim

I: socialmente sim meu objetivo é trabalhar em alguma coisa e ganhar um dinheiro porque meus pais já estão um pouco cansados de me aturar, assim como eu também estou com eles **mas tudo bem**

I: mas e se você fizesse ao mesmo tempo?]

(5)

I: *yo me sitúo en el bando de los que sí están a favor de la eutanasia pero claro no de no de la eutanasia sin límites ¿no? estoy a favor de la filosofía de que una persona en una situación de muerte segura en una situación de dolor inhumano insoportable que le aboga a una muerte segura* (03, H, G, 25, S)

[I: eu me situo no grupo dos que sim estão a favor da eutanásia **mas claro** não da eutanásia sem limites, né? Estou a favor da filosofia de que uma pessoa em uma situação de certeza de morte em uma situação de dor inumana insuportável que negocie uma morte segura]

Como se pode observar, os usos de *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro* não são os mesmos nos três casos apresentados. Em (3) e em (4), *pero bueno* e *pero vamos* poderiam claramente ser retirados e não afetariam a gramaticalidade da oração, o que não acontece em (5), em que *pero claro* é necessário porque aporta significado contrastivo. Nesse caso, na verdade, apenas *claro* poderia ser omitido, pois *pero* é a conjunção que marca o contraste entre dois elementos, *yo me sitúo en el bando de los que sí están a favor de la eutanásia*, e *no de la eutanasia sin límites*. Podemos dizer, em outras palavras, que em (3) e em (4), *pero bueno* e *pero vamos* não veiculam contraste, o que já não ocorre com *pero claro* em (5).

A partir dessas três ocorrências, percebemos claramente que a relação entre *pero* e os elementos *bueno*, *vamos* e *claro* pode ser diferente, pois ora ambos os elementos não veiculam contraste, apresentando um funcionamento apenas discursivo, como ocorre em com *pero bueno* em (3) e com *pero vamos* em (4), ora apenas um elemento é vazio, como é o caso de *claro* em (5).

Gili Gaya (1980) afirma que alguns juntores, bastante utilizados na língua falada, servem para apoiar o falante durante a interação, funcionando como muletas em um discurso<sup>4</sup> (GILI GAYA, p. 326, 1980). Eles estão desvinculados, portanto, de suas próprias funções e significados, e passam a ser vagas indicações de continuidade ou simples “recheios” de uma conversa. Para o autor, essas conjunções são chamadas juntores extraoracionais<sup>5</sup> e podem servir para dar continuidade a um discurso ou para marcar a transição do discurso a outra pessoa. Esses dois papéis parecem ser o caso do juntor *pero* nos contextos que serão aqui discutidos.

Neste trabalho, voltamo-nos para os usos de *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro* a fim de analisar o papel de *pero* ao ser acompanhado por esses elementos (*bueno*, *vamos* e *claro*) a fim de verificar as possíveis motivações desse juntor sob o escopo da Gramática Discursivo-Funcional.

## 1. A Gramática Discursivo-Funcional: algumas considerações teóricas

Para embasar a análise, apresentamos, a seguir, alguns pressupostos teóricos relevantes para o presente estudo. A Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) –

<sup>4</sup> Muletillas

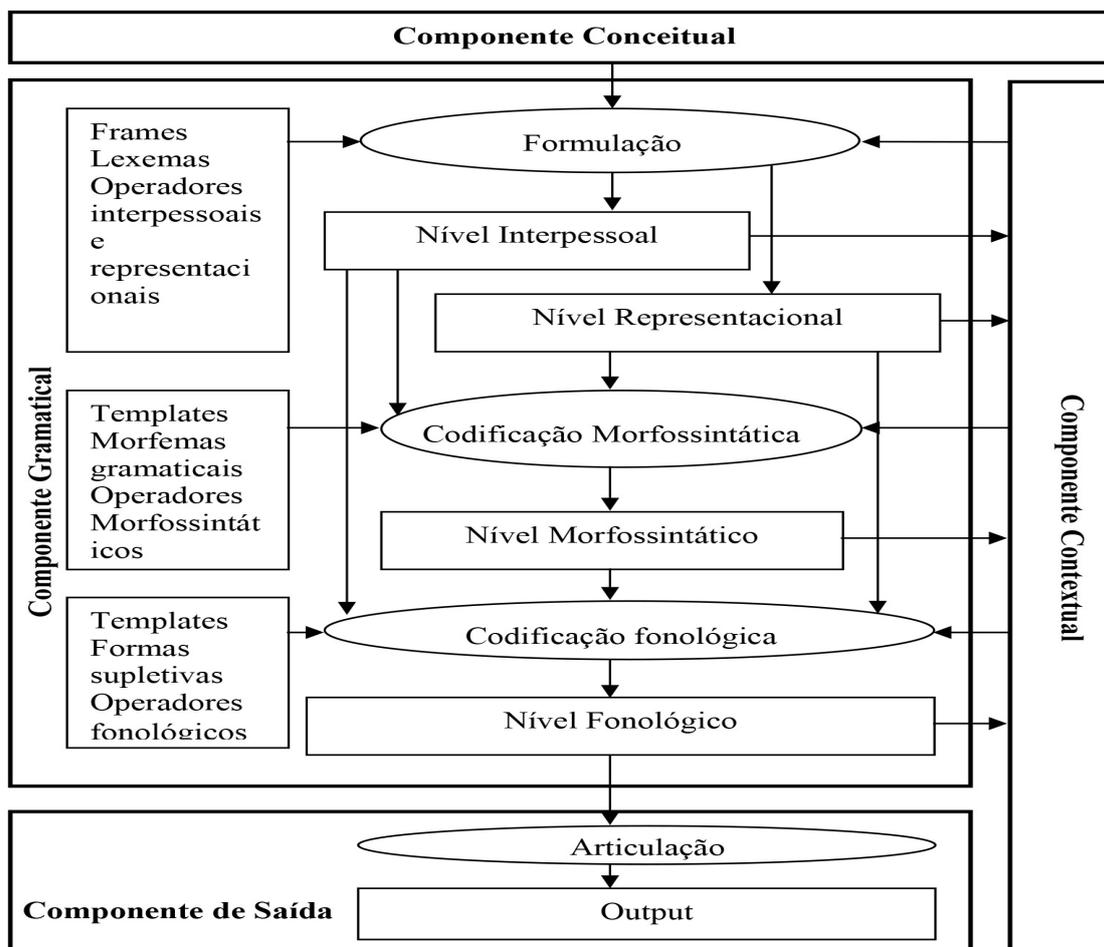
<sup>5</sup> Enlaces extraoracionales para Gili Gaya (p. 326, 1980)

doravante GDF – é um modelo *top-down* que parte das intenções comunicativas do falante para a expressão das formas linguísticas. O modelo interage com os componentes Conceitual, Contextual e de Saída para facilitar sua compatibilidade com uma teoria de interação verbal mais ampla.

O *Componente Conceitual*, de acordo com Keizer (2015, p. 21), contém as informações pré-linguísticas relevantes para a análise e é considerado o motor da Gramática. O *Componente de Saída*, por sua parte, gera expressões linguísticas (acústicas ou ortográficas) com base na informação fornecida pelo *Componente Gramatical*. Por fim, o *Componente Contextual* corresponde à descrição do conteúdo, ou seja, contém informações não linguísticas sobre o contexto discursivo imediato que afeta a forma de um enunciado linguístico.

Esses três componentes interagem com o quarto, o *gramatical*, em que se estruturam quatro níveis: o primeiro deles, Nível Interpessoal, seguido pelo Nível Representacional, Nível Morfossintático e, por fim, o Nível Fonológico. Todos eles se organizam em torno de camadas dispostas hierarquicamente, como mostra a figura (1) a seguir:

**Figura 1:** Layout da Gramática Discursivo-Funcional



**Fonte:** (adaptada de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13)

O Nível Interpessoal está relacionado à pragmática e apresenta o Movimento (M) como sua unidade superior de análise. O Movimento, que pode conter um ou mais Atos Discursivos (A) combinados entre si, é definido como uma contribuição autônoma para o desenvolvimento da interação. Nesse nível, as unidades em cada estrato podem ter uma função retórica ou pragmática. Esse nível, portanto, reflete a interação entre falante e ouvinte, lidando com os aspectos formais da unidade linguística.

O Nível Representacional, por sua vez, está voltado para os aspectos semânticos da unidade linguística. Nesse domínio, as estruturas linguísticas são descritas em termos da denotação que fazem de uma entidade e, portanto, a diferença entre as unidades desse nível é feita em termos da categoria denotada. De acordo com a categoria, podemos reconhecer as seguintes camadas: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedade Configuracional (f). O Conteúdo Proposicional é a camada superior do Nível Representacional e indica uma construção mental, um desejo. Podem ser constituídos por Episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais Estados-de-Coisas, que podem apresentar unidades de Tempo (t), Lugar (l) ou Indivíduos (x), dentre outras.

O Nível Morfossintático, relacionado à morfossintaxe, do ponto de vista da codificação, apresenta os seguintes estratos: Expressão Linguística (Le), Orações (Cl), Sintagmas (Xp) e Palavras (Xw). É no Nível Morfossintático que Hengeveld e Mackenzie (2008, pp. 311-2) concebem a posição dos constituintes. A teoria aborda quatro<sup>6</sup> posições absolutas: uma posição inicial (P<sup>I</sup>), uma segunda posição absoluta (P<sup>2</sup>), uma posição central (P<sup>M</sup>) e uma posição final (P<sup>F</sup>). Entre elas, podemos acrescentar posições relativas, como observamos a seguir:

P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>I+n</sup>	P <sup>2</sup>	P <sup>2+1</sup>	P <sup>M-n</sup>	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>	P <sup>M+n</sup>	P <sup>F-n</sup>	P <sup>F-1</sup>	P <sup>F</sup>
----------------	------------------	------------------	----------------	------------------	------------------	------------------	----------------	------------------	------------------	------------------	------------------	----------------

Na camada da Expressão Linguística, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 312) diferenciam três posições: a posição pré-oracional (P<sup>pre</sup>), oracional (P<sup>centro</sup>) e pós-oracional (P<sup>pos</sup>). Para melhor visualização do esquema, veja o quadro (1) a seguir:

**Quadro 1:** Posição dos constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística

Expressão Linguística	P <sup>pre</sup>	P <sup>centro</sup>	P <sup>pos</sup>
Oração		P <sup>I</sup> P <sup>M</sup> P <sup>F</sup>	

**Fonte:** adaptado de Pezatti (2014, p. 83)

O último nível proposto pela teoria é o Fonológico, relacionado aos aspectos prosódicos de uma língua. Seus estratos são: Enunciado (U), maior segmento da fala, seguido pela Frase Entonacional (IP), Frase Fonológica (PP), Palavra Fonológica (PW), Pé (F) e Sílabas (S).

<sup>6</sup> Pezatti (2014) postula apenas três posições para o português: posição inicial, central e final.

Para a Gramática Discursivo-funcional, o termo função é relacional. Nesse sentido, retórica é a função que corresponde à maneira como o Falante organiza seu discurso, moldando suas mensagens para influenciar seus Ouvintes de seus propósitos comunicativos. Essa teoria reconhece cinco tipos de funções retóricas: Motivação, Orientação, Correção, Aposição e Concessão. Todas essas funções são utilizadas como uma estratégia linguística de argumentação que o Falante utiliza para persuadir o Ouvinte.

Dentre elas, interessa a este trabalho a função retórica Concessão, que consiste em uma consideração póstuma (um *afterthought*, um ‘pensamento posterior’, nos termos de Keizer (2015)) ao que foi apresentado anteriormente. Trata-se de uma relação entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual, Nuclear e Subsidiário. A Concessão, nesse sentido, pode ser codificada nos níveis mais baixos por meio de diferentes conjunções, tais como *although* ou *but* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, pp. 55-6).

Pedro (2020), sob a perspectiva discursivo-funcional, reconhece que, no espanhol, *pero* pode unir Atos Discursivos, em que o Subsidiário é o primeiro, ou seja, apresenta a função retórica Concessão, conforme (6):

(6)

E: *Bueno vamos a pasar ahora a hablar de comidas típicas de los pueblos.*

I: *ale.*

E: *¿Conoces alguna?*

I: *El plato alpujarreño*

E: *A ver cuéntame.*

I: *Es muy graso y es muy pesado **pero** está muy bueno (04, M, G, 23, S)*

[E: Bom, vamos falar agora sobre comidas típicas das cidadezinhas

I: Tá.

E: Você conhece alguma?

I: O prato alpujarreño.

E: Me fale sobre ele.

I: É muito gorduroso e é muito pesado, **mas** é muito gostoso.]

Em (6), o falante contrapõe *es muy graso y es muy pesado* com *está muy bueno*, ordenando os componentes do discurso para influenciar o ouvinte a aceitar seus propósitos comunicativos. O Ato Subsidiário ( $A_1$ ), com a informação menos relevante, é *es muy graso y es muy pesado*, pois apresenta um Conteúdo Comunicado que concede uma informação, para, em seguida, no Ato Nuclear ( $A_2$ ), *está muy bueno*, apresentar o conteúdo comunicativamente mais relevante. Os dois Atos constituem um único Movimento (M), como mostra a representação em (6a):

(6a)

$M_1$ :  $[(A_1: -es muy graso y es muy pesado- (A_1))_{\text{Conc}} (A_2: -está muy bueno- (A_2))]$  ( $M_1$ )

Hengeveld e Mackenzie (2008) também reconhecem a possibilidade de atuação do juntor *but* (equivalente ao *pero*, no espanhol) quando atua em contextos de narrativa, como *push marker*, um operador que possibilita ao Falante fazer algumas digressões sobre o que está sendo narrado para inserir informações secundárias, como exemplifica essa ocorrência do nosso *corpus* (7):

(7)

I: *que yo yo vivía en Cuenca lo que pasa es que a los nueve años me vine aquí a Granada y pues lo típico lo que hace un niño yo lo que pasa es que estaba todo el día en la calle metido y poco más*

E: **pero** ¿tú naciste aquí?

I: *yo nací aquí* (21, H, G, 24, M)

[I: eu eu morava em Cuenca acontece que aos nove anos eu vim para Granada e, lógico, o que faz uma criança eu ficava o dia todo na rua

E: mas você nasceu aqui?

I: eu nasci aqui]

Em (7) há o uso de *pero* na camada do Movimento. Neste caso, *pero* serve como um operador que impulsiona a conversação, fazendo com que o informante prossiga com o assunto, pois *pero* abre a possibilidade de perguntar, por exemplo, o local de nascimento do ouvinte: *pero ¿tú naciste aquí?* Há, portanto, um Movimento composto de um único Ato Discursivo com Ilocução Interrogativa.

Para a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), o que determina quais expressões pertencem ao componente gramatical é se seu conteúdo pragmático e semântico recebe codificação explícita e sistemática na estrutura da língua.

Segundo Giomi e Keizer (2020), em uma perspectiva discursivo-funcional, qualquer aspecto da intenção comunicativa do falante que seja morfossintática ou fonologicamente expresso em uma língua pode ser tratado dentro da teoria. Portanto, a consideramos adequada para os estudos de elementos extraoracionais e vemos aqui um aspecto inovador dos estudos sobre *pero*. Ao acompanhar elementos como *bueno*, *claro* e *vamos*, *pero* pode deixar de veicular contraste ou concessão, pois adquire características dos jutores extraoracionais.

## 2. Constituintes extraoracionais

Para Cortés Rodríguez (1991, p. 13), ocorrem muitos usos de *palavras vazias* na língua oral, já que servem para “recheiar” o discurso e até mesmo “dar tempo” para o falante organizar sua fala. Esses elementos linguísticos que não se encaixam em categorias semânticas e sintáticas são denominados *palavras vazias*, *xpletivos*, ou *conectivos extraoracionais*.<sup>7</sup>

O autor, em seu estudo sobre *muletas discursivas* (cf. CORTÉS RODRÍGUEZ, 1991, p. 80), apresenta características importantes para este trabalho sobre *bueno*, *vamos* e *claro*, resumidas a seguir:

<sup>7</sup> No texto original: *palabras vacías, expletivos, enlaces extraoracionales*.

Sobre *bueno*, segundo o autor, as funções são as seguintes:

- 1) Conectivo paragrafíco, com valor continuativo (com três sub-valores: continuativo, continuativo não conclusivo e continuativo conclusivo) e corretivo.
- 2) Marcador (para o autor, o uso como marcador faz com que o conectivo assinala que a resposta que será dada não é a esperada).
- 3) Expletivo.

Para *vamos*, Cortés Rodríguez assinala os seguintes usos:

- 1) Conectivo oracional, com valor apositivo.
- 2) Conectivo paragrafíco, com valor continuativo e corretivo.
- 3) Reforçador, onde o falante mostra confiança na opinião que está emitindo
- 4) Expletivo<sup>8</sup>

Sobre o juntor claro, o autor distingue as seguintes características:

- 1) Conector paragrafíco ou extraoracional, com uso restritivo, continuativo (conclusivo ou não conclusivo) e corretivo.
- 2) Forma adverbial: com uso confirmativo (como reforço de enunciados ou como substituto oracional), ou de reforço.
- 3) Expletivo.

Os conectivos extraoracionais, como se observa, são palavras que guiam a interação e a interpretação de um determinado texto, expressando as diferentes relações que podem existir entre ideias.

Essas palavras foram estudadas e definidas por Schiffrin (1987, p. 31) como elementos sequencialmente dependentes que agrupam unidades de fala, isto é, itens iniciais de enunciados não obrigatórios que funcionam em relação à fala e ao texto em andamento.

Segundo Schiffrin (2001, p. 50), os juntores extraoracionais são considerados um conjunto de itens linguísticos que funcionam em domínios cognitivos, expressivos, sociais e textuais, como por exemplo, *well* (“bem”, no português), *but* (“mas”), *oh* (interjeição “ai”) e *you know* (“você sabe”), no inglês.

Para Dik (1997a; 1997b), esses itens linguísticos são elementos com propriedades funcionais e formais específicas, denominados por ele constituintes extraoracionais. No que diz respeito às propriedades formais, Dik (1997a, pp. 310-1; 1997b, pp. 104-5) menciona as seguintes características:

1. ocorrem por conta própria, ou são desencadeados na oração por quebras ou pausas no contorno prosódico;
2. não são essenciais para a estrutura interna da oração a que estão associados; quando eles são deixados de fora, a oração ainda forma um todo”.

<sup>8</sup> Dentro desta seção, o autor faz um estudo interessante sobre a forma *pero vamos*.

3. não são sensíveis às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração, embora possam estar relacionados à oração por regras de correferência, paralelismo e antítese; Eles estão vagamente associados à oração e não podem ser facilmente descritos em termos de regras e princípios internos à oração.
4. São, geralmente, mais difíceis de subordinar do que os elementos intraoracionais;
5. podem ocorrer nas seguintes posições: (i) absoluta ou autônoma, (ii) pré-oracional, (iii) posição central, (iv) pós-oracional.

Observamos que essas expressões ocorrem por conta própria, ou seja, não são essenciais para a estrutura interna da oração. Todos esses casos mostram as expressões na posição pós oracional, não sendo, portanto, essenciais para a gramaticalidade da oração.

Em uma análise discursivo-funcional, Giomi e Keizer (2020, p. 173) propõem que o status extraoracional de uma expressão no Nível Morfossintático da GDF é um reflexo de seu status como um Ato Discursivo Subsidiário no Nível Interpessoal. Para os autores, uma análise de Atos Discursivos dessas expressões leva a sua representação padrão como frases entonacionais separadas no Nível Fonológico. A explicação para as características dessas expressões só pode ser fornecida em termos da função interpessoal, discursivo-pragmática da expressão.

Os postulados teóricos aqui apresentados fornecem subsídios para o uso de *pero* ao acompanhar os elementos *bueno*, *vamos* e *claro*. Esse uso é observado, aqui, em textos falados, que ocorrem em situação comunicativa informal, conforme se observa na metodologia utilizada para este trabalho.

### 3. Procedimentos metodológicos de análise

O *corpus* utilizado para esta pesquisa é o PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*)<sup>9</sup>. Por se tratar de um projeto que visa criar um *corpus* de língua espanhola falada em toda sua variedade geográfica e social, ainda não está completo. Nossos dados são das cidades de Alcalá de Henares e Granada, na Espanha. Foram selecionadas e analisadas 41 ocorrências<sup>10</sup>, sendo 23 dados com *pero bueno*; 9 casos com *pero vamos* e 9 casos com *pero claro*.

A nomenclatura de cada ocorrência segue a sequência do nome da cidade, sexo, idade do informante e número da entrevista. Portanto, a ocorrência denominada GRA\_H25\_03 indica que é da cidade de Granada (GRA), foi realizada por um homem (H) de 25 anos e o número da entrevista é 03.

Cada ocorrência foi analisada de acordo com os seguintes critérios: (i) níveis e camadas de atuação dos elementos unidos por *pero*, quando for o caso; (ii) posição de *pero* na oração e (iii) características prosódicas do contexto em que *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro* se encontram.

<sup>9</sup> Coordenado pelo professor Francisco Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares, Espanha.

<sup>10</sup> Nossa análise se baseia em critérios qualitativos. Entendemos que a análise quantitativa não altera os resultados a respeito do comportamento morfossintático e semântico-pragmático de *pero claro*, *pero bueno* e *pero vamos*.

Para realizar a análise prosódica de *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro*, utilizamos o programa Praat®<sup>11</sup> versão 4.4.34, contendo apenas o trecho da ocorrência relevante para o trabalho. Foram descartados os arquivos que apresentavam sobreposição de vozes dos locutores, pois não forneciam uma análise instrumental confiável.

Além desses critérios, realizamos o teste da omissão da conjunção *pero* e dos elementos *bueno*, *vamos* e *claro* a fim de verificar o papel de cada constituinte na oração, conforme se observa na seção a seguir.

#### 4. Análise das estruturas com *pero* + *bueno/vamos/claro*

Para descrever como as estruturas *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro* se comportam, coletamos as ocorrências e as analisamos de acordo com os procedimentos metodológicos apresentados na seção anterior.

Verificamos que alguns usos dessas estruturas assinalam contraste, conforme se observa em (8) a seguir:

(8)

*E: ¿Sabes de alguna opinión de un alemán que esté quiero decir ¿sabes la opinión que tiene algún alemán que hayas conocido sobre la música aquí en España?*

*I: Pues directamente no no es que yo haya hablado de ese tema **pero bueno** conozco a un alemán que vive aquí y bueno hablando con él pues se pueden asociar ¿no? asociar lo que él piensa de la música española. (03, H, G, 25, S)*

[*E: Você conhece alguma opinião de um alemão que esteja aqui... quer dizer, você conhece a opinião de algum alemão que você conheceu, sobre música aqui na Espanha?*

*I: Bom, não não é que eu tenha falado sobre esse assunto diretamente, **mas bom**, eu conheço um alemão que mora aqui e, bem, falando com ele, podem se associar, né? associar o que ele pensa sobre a música espanhola.]*

Em (8), dois elementos se contrapõem por meio de *pero*: *pues directamente no no es que yo haya hablado de ese tema* e *conozco a un alemán que vive aquí y bueno hablando con él*. Neste caso, é possível observar que *pero bueno* assinala uma interpretação adversativa, pois contrasta o fato de o falante não ter tratado diretamente sobre a música espanhola com um alemão com a possibilidade de inferir o que pensa um alemão sobre esse assunto, já que conhece alguém com essa nacionalidade e seus gostos. Podemos dizer que, nesse caso, *pero* une dois elementos, dois Atos Discursivos de estatuto desigual, um Subsidiário, ao qual se atribui a função retórica Concessão (Conc) e outro Nuclear, conforme mostra a representação em (8a) abaixo:

<sup>11</sup> Programa de computação desenvolvido pelos linguístas Paul Boersma e David Weenink. Agradecemos ao colega Gabriel Galvão Passetti pela ajuda com o programa Praat.

(8a)

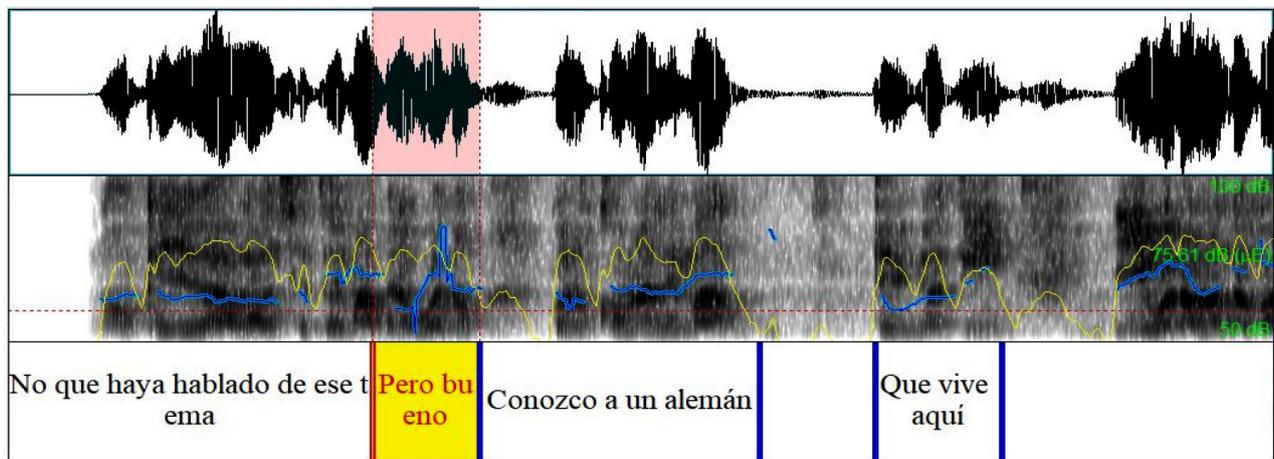
$M_1$ :  $[(A_T: - \text{no es que yo haya hablado de ese tema} - (A_1))_{\text{Conc}} (A_J: - \text{conozco a un alemán que vive aquí y bueno hablando con él pues se pueden asociar lo que él piensa de la música española} - (A_J))]$  ( $M_1$ )

O Falante, em (8a), contrasta dois elementos que constituem Atos Discursivos, que apresentam estatutos diferentes. O Falante expõe a informação secundária no primeiro Ato, o Subsidiário ( $A_1$ ), ao dizer que não falou sobre esse assunto com nenhum alemão. Posteriormente, no Ato Nuclear ( $A_J$ ), acrescenta a informação comunicativamente mais relevante, dizendo que se pode inferir o que os alemães pensam sobre isso por conhecer alguém deste país. Entre esses dois Atos há a função retórica Concessão (Conc), já que o falante concede uma informação no Ato Subsidiário para depois reafirmar ou reconsiderar algo, no segundo Ato.

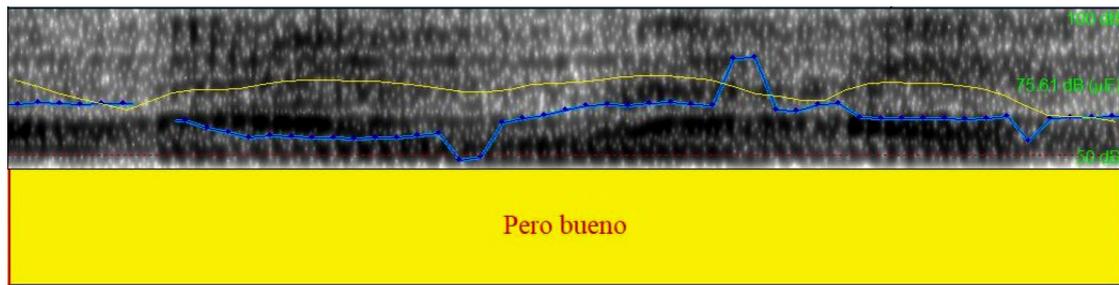
A função retórica Concessão é codificada, no Nível Morfossintático, por *pero*, que consiste em uma Palavra Gramatical (Gw). Nesse caso, observa-se o processo da coordenação, em que duas Orações são coordenadas por meio de *pero*. Dessa forma, podemos afirmar que *pero* é essencial para a construção contrastiva, diferentemente de *bueno*, elemento que poderia ser retirado sem afetar a gramaticalidade da oração.

No Nível Fonológico, observamos, por meio do programa Praat, duas Frases Entonacionais, que compõe um único Enunciado (PEZATTI; PAULA; GALVÃO PASSETTI, 2019). As figuras 2 e 3 ilustram o padrão entonacional de *pero bueno* na ocorrência (8) já apresentada:

**Figura 2:** Padrão entonacional de *pero bueno* na ocorrência (8)



**Fonte:** elaboração das autoras

**Figura 3:** Padrão entonacional de *pero bueno* na ocorrência (8)

**Fonte:** elaboração das autoras

As duas figuras anteriores mostram que as Frases Entonacionais apresentam o padrão entonacional complexo descendente-ascendente<sup>12</sup>, marcando a não equipolência entre os Atos Discursivos no NI. Por manter uma interpretação contrastiva, trata-se de uma coordenação adversativa em que há função retórica Concessão no NI.

Veja que, em (9), a seguir, a ocorrência com *pero vamos* também se dá entre dois Atos Discursivos:

(9)

A1: ¿y tú? ¿te importa en botella? la botella ¿no te importa que sea la botella?

E: mmm yo prefiero un café un café con leche bien calentito bueno bien calentito no va a venir **pero vamos** como como sea con con leche

A1: vale ¡hasta luego! (ALCA\_H12\_019)

[A1: E você? Você se importa se for em garrafa? A garrafa não te importa que seja garrafa?

E: mmm eu prefiro um café um café com leite bem quentinho, bom, bem quentinho não vai vir mas tudo bem, desde que seja com leite.

A1: Tá bom! Até logo!]

Em (9), o falante afirma, no primeiro Ato, o Subsidiário ( $A_1$ ), que reconhece que, caso peça um café, não virá em uma temperatura quente. No entanto, afirma, no segundo Ato, o Nuclear ( $A_2$ ) que não tem problema desde que seja com leite. Como são Atos de estatuto desigual, cabe ao primeiro Ato, ao Subsidiário, apresentar a função retórica Concessão, já que é esse ato que apresenta o Conteúdo Comunicado concedido. Veja a representação abaixo em (9a):

(9a)

$(M_1: [(A_1: - \text{bien calentito no va a venir} - (A_1))_{\text{Conc}} (A_2: - \text{como como sea con con leche} - (A_2))]) (M_1))$

A função retórica Concessão também pode ser observada em (10) a seguir, um caso com *pero claro*:

<sup>12</sup> Cf. Galvão Passetti (2021).

(10)

- I: *y llego con el abrigo de piel de invierno o el chaquetón y mi sobrino dice ¿por qué no te pones el chaquetón? digo pues porque hace aquí más calor es que no se puede poner saco trajes de chaquetas y los días que hace viento sí hace un viento de sobre todo a la caída de la tarde sopla la ventolera y dice ¡qué frío hace! pues no hace frío no pero*
- E: *uhum*
- I: *pero sin embargo me gusta más eh y soy muy friolera **pero claro** tengo la calefacción de día y de noche*
- E: *¿incluso en este tiempo?* ALCA\_M33\_018
- [I: e eu chego com o casaco de pele de inverno ou a jaqueta e meu sobrinho diz “porque você não veste a jaqueta?” Digo “porque aqui é mais quente”, é que não dá para vestir jaquetas e em dias de vento, principalmente no final da tarde o vento sopra e diz “que frio está!” E nao faz frio, nao, mas
- E: *uhum*
- I: *mas mesmo assim gosto mais eh e sinto muito frio **mas claro** tenho aquecedor durante o dia e a noite*
- E: *mesmo neste momento?]*

Em (10), duas orações são colocadas em relação de contraposição a partir das expectativas do falante. A contraposição se dá entre *soy muy friolera* e *tengo la calefacción de día y de noche*. Ao dizer que é friolenta, o falante supõe que seu ouvinte pode pressupor que o mesmo sente frio a todo momento por não ligar o sistema de aquecimento ou calefação. Acrescenta, portanto, um *aferthought*, um pensamento a posteriori, informação que julga mais importante para desfazer possíveis interpretações equivocadas de seu ouvinte. Sua representação pode ser observada em (10a):

(10a)

- M<sub>1</sub>: [(A<sub>1</sub>: - *soy muy friolera* -(A<sub>1</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>2</sub>: - *tengo la calefacción de día y de noche* - (A<sub>2</sub>))] (M<sub>1</sub>)

A oração *soy muy frioleira* constitui um Ato Subsidiário, com a informação menos expressiva, e *tengo la calefacción de día y de noche*, o Ato Nuclear, que acrescenta uma informação contrastiva que o Falante considera mais relevante. Desta maneira, é possível afirmar que a força argumentativa da informação apresentada no Ato Nuclear se constrói a partir do apoio em outra informação anteriormente apresentada, que constitui o Ato Subsidiário, que contém a função retórica Concessão.

Nessas três últimas ocorrências, verificamos que *pero* atua como um juntor, uma Palavra Gramatical no Nível Morfosintático que codifica a função retórica Concessão. Os elementos *bueno*, *claro* e *vamos*, por sua vez, atuam como expletivos, constituintes que poderiam ser retirados sem afetar o efeito de sentido da oração introduzida por *pero*, conforme mostram as paráfrases a seguir:

- (8) *Pues directamente no no es que yo haya hablado de ese tema **pero** conozco a un alemán que vive aquí y bueno hablando con él pues se pueden asociar lo que él piensa de la música española*
- (9) *soy muy friolera **pero** tengo la calefacción de día y de noche*
- (10) *bien calentito (el café con leche) no va a venir **pero** como como sea con leche*

Como se observa nas paráfrases acima, a retirada dos elementos *bueno*, *claro* e *vamos* não afeta o efeito contrastivo das orações envolvidas, o que comprova que se tratam de constituintes sem função sintática nem semântica, apenas expletivos que atuam como *muletillas* no discurso, ou seja, servem como “apoio” para o falante.

Nesses casos, observamos que *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro* ocupam, portanto, a Posição Central, unindo dois Atos Discursivos que ocupam a posição central, já que as duas Orações unidas por *pero* configuram o processo da coordenação, como mostra o Quadro a seguir:

**Quadro 2:** Posição das orações coordenadas adversativas

<b>P<sub>pre</sub></b>	<b>P<sub>centro</sub></b> O <sub>1</sub> e O <sub>2</sub>	<b>P<sub>pos</sub></b>
------------------------	--	------------------------

**Fonte:** Pedro (2020)

A posição, na Gramática Discursivo-Funcional, é resultado do processo da codificação do que ocorre nos Níveis Interpessoal e Representacional, ou seja, a posição configura uma pista importante para a análise linguística. Nesse sentido, os dados permitem observar que quando *pero bueno* e *pero vamos* ocorrem no final do Ato Discursivo, geralmente apresentam um papel diferente, o que nos permite identificá-los como constituintes extraoracionais nos termos de Dik (1997), conforme exemplifica a ocorrência (11) a seguir:

(11)

E: *¿sí? ¿cuándo fue fundada?*

I: *pues esa creo que la fundó mmm un señor que era del ayuntamiento y luego pues se quedaron ya lo que yo ya conozco se quedaron donde mi padre entró a trabajar los jefes de mi padre y luego mi padre ya se quedó / con ella y al cabo de los años la compró y luego se quedó de encargado o de dependiente de encargado luego la compró y es un negocio familiar porque la familia B está ah desde hace pues mi padre debió entrar en el mil novecientos veinte o por ahí*

E: *¡jo! pues sí que hace ya*

I: *claro*

E: *ya*

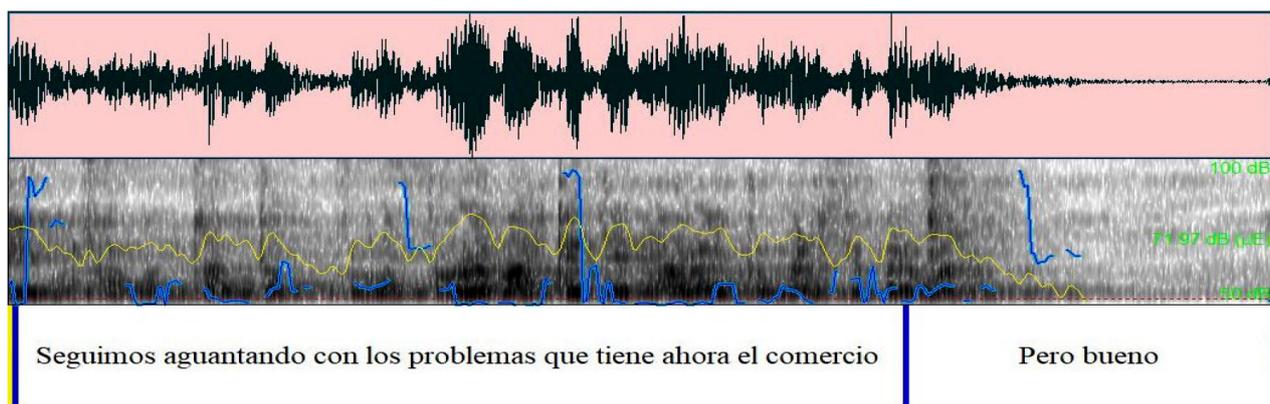
I: *se quedó y luego se fue el dueño y luego pues hemos seguido / ahí seguimos aguantando / con los problemas que tiene ahora el comercio **pero bueno***

E: *¿y te hubiera gustado hacer otra cosa o?*

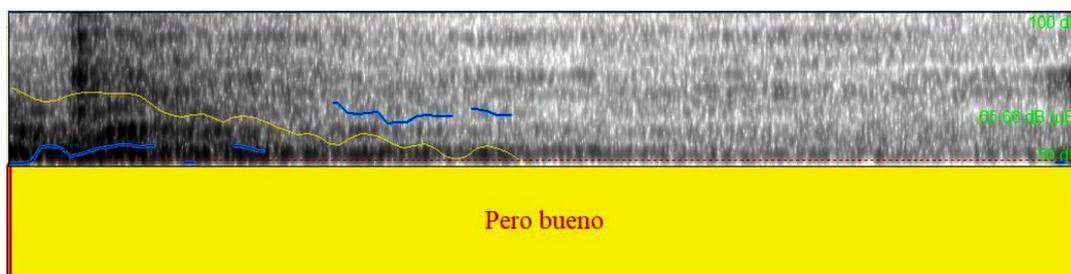
- I: *hh hombre sí sí* (ALCA\_H32\_033)
- [I: sim? Quando foi fundado?
- I: Bom, acho que foi fundado, mmm um homem que era da Câmara Municipal e aí eles já ficaram o que eu já sei ficaram onde o meu pai foi trabalhar os patrões do meu pai e aí o meu pai já sabe ele ficou com ela e depois de anos comprou e depois se tornou gerente ou balconista de gerente então comprou e é um negócio de família porque a família B está lá há muito tempo porque meu pai teve que entrar em mil novecentos e vinte ou por aí
- E: ho! bom faz muito tempo
- I: Claro
- E: aham
- I: ele ficou e depois o dono saiu e depois continuamos lá continuamos a suportar os problemas que o comércio tem agora **mas tudo bem**
- I: e você gostaria de ter feito outra coisa ou?
- I: *hh cara sim sim]* (ALCA\_H32\_033)

Em (11), o informante conta que a drogaria de sua família é considerada centenária. O entrevistador, então, pergunta quando foi fundada. Após o informante dizer que seu pai entrou no ramo das farmácias nos anos 20 e contar que toda a família trabalha nesse negócio, o entrevistador pergunta se o informante gostaria de ter feito outra coisa, praticado outra profissão. Observa-se, portanto, uma situação de diálogo em que cada turno corresponde, na Gramática Discursivo-Funcional, a um Movimento. Há, portanto, Movimento de Pergunta e Movimento de Resposta. O uso de *pero bueno*, como se pode notar, se dá no final do Movimento de Resposta do Falante, uma reação ao Movimento de Pergunta do Documentador. Esse Movimento é composto por três Atos Discursivos em situação de equipolência: [*se quedó y luego se fue el dueño y luego pues hemos seguido*] [*ahí seguimos aguantando*] [*con los problemas que tiene ahora el comercio*]. É no final do último Ato Discursivo que se observa a presença de *pero bueno*, nesse caso, um constituinte extraoraoracional, no se sentido de que não faz parte da oração e, nesse contexto, destituído de conteúdo semântico, voltando-se apenas para a interação, já que marca o final do Movimento.

A Posição Final ocupada por *pero bueno* é marcada pelo padrão entonacional descendente, claramente observado nas figuras 4 e 5 a seguir, extraídas do Programa Praat:

**Figura 4:** Padrão entonacional de *pero bueno* na ocorrência (11)

**Fonte:** elaboração das autoras

**Figura 5:** Padrão entonacional de *pero bueno* em (14)

**Fonte:** elaboração das autoras

Como se nota nas duas figuras acima, o movimento entonacional é típico de fim de Ato Discursivo com ilocução Declarativa. Também vale a pena mencionar que após *pero bueno* houve uma pausa mais substancial comparada àquela usada na ocorrência (8) apresentada anteriormente. A análise fonológica mostra que os contornos se comportam diferentemente nos dois casos representados de *pero bueno*, (8) e (11).

Vejamos agora a ocorrência (12):

(12)

- I:* era mi entrenador de baloncesto  
*E:* ¡qué buen fichaje! o sea que tienes un marido alto  
*I:* sí no  
*E:* no excesivamente  
*I:* buen es eeh sí uno ochenta y dos **pero vamos**  
*E:* bueno oye no está mal  
*I:* y bueno pues ahí nos conocimos  
*E:* ¿cómo os conocisteis? (ALCA\_M22\_028)

- [I: era meu treinador de basquete  
 E: que incrível! Ou seja, você tem um marido alto  
 I: sim, não  
 E: não excessivamente  
 I: bem é, sim, um e oitenta e dois, **mas tudo bem**  
 E: Bom, olha, não está mal  
 I: bom e aí nos conhecemos  
 E: como vocês se conheceram?]

Em (12) a informante fala sobre seu marido, que era seu treinador de basquete. O entrevistador, então, pressupõe que o marido da informante seja alto, uma vez que os esportistas que trabalham com basquete têm boa altura. A informante, então, diz que não é tão alto como se imagina, que tem um metro e oitenta e dois centímetros. Há, portanto um diálogo, situação que propicia frequente troca de turnos. Cada turno configura, como mencionado, um Movimento. Observa-se, portanto, que *pero vamos* ocorre no final de um Movimento. Essa posição nos dá pistas importantes de que *pero vamos* poderia ser omitido, funcionando como *muletilla*, pois atua na organização discursiva.

Em (11) e (12), com o uso de *pero bueno* e *pero vamos*, respectivamente, podemos observar blocos indissociáveis. O primeiro uso, com *pero bueno* e, o segundo, com *pero vamos*, são estruturas integradas, diferentes dos outros casos de *pero* com contraste. O uso dessas estruturas em (11) e (12) são expletivos, uso que se codifica na posição final do Ato Discursivo, atuando como elementos extraoracionais, com contorno entonacional próprio, não pertencendo à oração, ou seja, são sintaticamente vazios, somente voltados à interação.

Os dados sugerem, portanto, dois usos de *pero bueno* e de *pero vamos*, quando aportam matiz contrastivo e quando configuram muletas discursivas. Quanto à *pero claro*, não foi possível observar se também exerce esses dois papéis, uma vez que, de todas as ocorrências de *pero claro* analisadas, todas aportam matiz contrastivo.

## Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar uma análise das estruturas com *pero bueno*, *pero claro* e *pero vamos* no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, voltando-se, principalmente, para a atuação de *pero* nesses contextos. Os dados mostram que as construções iniciadas por *pero bueno* e por *pero vamos* se caracterizam de duas maneiras, mas não se pode afirmar que *pero claro* também apresenta esses dois funcionamentos, pois apenas um deles foi observado.

No primeiro caso, *pero* atua como juntor, uma palavra gramatical que codifica a função retórica Concessão, uma relação que se dá entre Atos Discursivos de estatuto desigual no Nível Interpessoal, quando pode ser acompanhado por *bueno*, *vamos* e *claro*, elementos expletivos que podem ser retirados sem influenciar o efeito de sentido da Concessão. *Pero*, assim, une dois Atos Discursivos no

Nível Interpessoal, sendo o primeiro o Ato Subsidiário que apresenta a função retórica Concessão. O segundo, o Ato Nuclear, carrega a informação mais importante a partir do ponto de vista do falante.

No segundo caso, observamos que *pero bueno* e *pero vamos* podem atuar no final de um Ato Discursivo (o qual pode configurar um Movimento) apenas para dar suporte ao falante. Não são, portanto, constituintes da oração, ocorrendo de forma autônoma, o que configura um elemento extraoracional, nos termos de Dik (1997). Especificamente, considerados aqui casos de *muletillas* discursivas, elementos sintática e semanticamente vazios que funcionam como ancoragem interativa. Esse uso não foi observado, no entanto, com *pero claro* no universo investigado.

Este trabalho revela, em resumo, que *pero bueno*, *pero claro* e *pero vamos* podem ser observados como estruturas separadas, em que *pero* codifica uma função retórica do domínio interpessoal e é acompanhado por elementos expletivos, *bueno*, *claro* e *vamos* e podem ainda ser considerados elementos que servem de apoio para o falante, sobretudo *pero bueno* e *pero vamos*.

## Referências

- CORTÉS RODRÍGUEZ, L. *Sobre conectores, expletivos y muletillas en el español hablado*. Málaga: Ágora, 1991.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar, part 1: the structure of the clause*. 2. ed. Berlin and New York: De Gruyter Mouton, 1997a. p. 509. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110218367>.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar, part 2: complex and derived constructions*. Berlin and New York: De Gruyter Mouton, 1997b. p. 477. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110218374>.
- GALVÃO PASSETTI, G. H. *Coordenação de constituintes não oracionais por meio de “mas” nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: Concessão e Contraste*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021.
- GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Vox, 1980.
- GIOMI, R.; KEIZER, E. Extra-clausal constituents in Functional Discourse Grammar: function and form. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, pp. 159-85, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i3.1717>
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.
- KEIZER, E. *A functional Discourse Grammar for English*. Oxford: University Press, 2015.
- PEDRO, C.C. *As orações com ‘pero’ no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.
- PEDRO, C. C.; GARCIA, T. S. Usos argumentativos de -pero- em meios digitais espanhóis. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 29, pp. 2509-36, 2021.
- PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PEZATTI, E. G.; PAULA, D. C. F.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Contraposição não oracional com mas: substituição e acréscimo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, pp. 1-18, 13 fev. 2019.

PRESEEA. *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014a. Disponível em: <http://preseea.linguas.net>. Acesso em: 29 dez. 2019

PRESEEA. *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Granada: Universidad de Granada, 2014b. Disponível em: <http://preseea.linguas.net>. Acesso em: 29 dez. 2019.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: morfología y sintaxis*. Madrid: Espasa, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, 2010.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: Language, meaning and context. In: D. Schiffrin; D. Tannen; H. E. Hamilton (orgs.); *The Handbook of Discourse Analysis*. pp. 54-75, 2001. Malden: Blackwell.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987